



Outorga do Título de Professor Emérito a

Ataliba Teixeira de Castilho



Universitas Paulopolitana
Philosophiae, Litterarum Scientiarumque
Humanarum Facultas

Ego, Doctor Sergio Franca Pedorno de Abreu, Philosophiae,
Litterarum Scientiarumque Humanarum Facultatis
Moderator in Universitate Paulopolitana, cum actum vidissem
et perlegissem quo ab huius Facultatis Magistrorum Collegio
pridie Kalendas Julias anno MCMXI praecclarus uir

Maliba Teixeira de Castilho

Philologiae peritissimus,

Professor et meritis

rile declaratus erat, hoc diploma ei dedi, ut omnibus
honoribus privilegiisque cum dignitate sua cohaerentibus et
quidem sollemniter collatis iure uti ac perfrui posset.

Datum Facultatis in Actibus Paulopoli in Brasilia, ante
diem quartum Kalendas Julias anno MCMXI.

Prof. Dr. Sergio Franca Pedorno de Abreu
Facultatis Moderator

Marcelino Amaral Vicente
Facultatis Secretar

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

VICE-REITOR: Prof. Dr. Vahan Agopyan

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

VICE-DIRETOR: Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

Serviço de Comunicação Social

COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros - MTb. 35814

DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka - MTb. 35815

DIVULGAÇÃO: Wiviane Ribeiro Rosa

SECRETÁRIA: Neusa Bispo de Oliveira

AUDIOVISUAL: Carlos Roberto Xavier
Renan Braz Martins

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica da FFLCH

TIRAGEM: 200 exemplares

Cerimônia de Outorga
do Título de Professor Emérito
Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho

DATA: 28 de junho de 2013
HORÁRIO: 14h30
LOCAL: Salão Nobre - Prédio da Administração
Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária

SUMÁRIO

ABERTURA	9
Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu	
AGRADECIMENTO	11
Profa. Dra. Marli Quadros Leite	
SAUDAÇÃO	13
Profa. Dra. Maria Aparecida Torres Morais	
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas	
DISCURSO DO HOMENAGEADO	25
Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho	
ENCERRAMENTO	47
Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu	

ABERTURA

Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu
Diretor da FFLCH

Boa tarde a todos e a todas. Eu quero declarar aberta esta solenidade de outorga do título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo ao Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho. A Faculdade de Filosofia e a minha pessoa, na condição de Diretor e Presidente da Congregação, sentem-se muito honrados com a possibilidade desta cerimônia e com a outorga deste título ao Professor Ataliba, que muito honra pelo campo de estudos que ele desenvolveu e por sua contribuição para a formação, a pesquisa e a orientação de alunos. Então eu declaro aberta esta sessão, agradeço a vinda de todos - inclusive amigos, parentes, alunos e ex-alunos - e quero dizer que são todos muito bem-vindos.

AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Marli Quadros Leite
Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Ilmo. Sr. Prof. Sérgio Adorno de Abreu, digno diretor desta faculdade, Ilmo. Sr. Prof. Ataliba Teixeira de Castilho, nosso caríssimo homenageado, Ilma. Sra. Profa. Maria Aparecida Correa de Moraes, caríssima colega, Prezada Rosângela, assistente acadêmica, Vivian e todos os convidados:

Nesses últimos 21 anos, a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas têm sido a segunda casa do Professor Ataliba, e o nosso departamento de Letras Clássicas e Vernáculas tem a honra de ter sido, ao longo desse tempo, o recanto a partir do qual o Professor Ataliba prepara e projeta todas as suas atividades de ensino e pesquisa. Mas não serei eu a falar sobre tudo o que o Professor Ataliba apronta e espalha por esse Brasil afora e pelo mundo, será a nossa colega, Profa. Maria Aparecida. A minha função aqui é entregar o nosso homenageado aos seus convidados, aos nossos convidados e à família para que ele receba o carinho de todos.

SAUDAÇÃO

Profa. Dra. Maria Aparecida Torres Morais
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Boa tarde a todos.

Cumprimento o Prof. Sérgio França Adrno de Abreu, Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; a Profa. Marli Quadros Leite, Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; a Sra. Rosângela Duarte Vicente, Assistente Técnico de Direção para Assuntos Acadêmicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Cumprimento especialmente o nosso homenageado Prof. Ataliba Teixeira de Castilho, o que faço em meu nome e em nome dos colegas e amigos aqui presentes, não só do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, como também de outros departamentos, órgãos e associações, nos quais ele também atuou como professor e pesquisador.

Hoje recebemos o nosso querido Ataliba Teixeira de Castilho como professor emérito da Universidade de São Paulo. Considero uma grande honra e uma grande alegria ter sido escolhida pela Congregação para saudá-lo. Certamente, outros colegas teriam muito maior competência para fazê-lo. Minha responsabilidade é enorme. Serei

capaz de fazer os recortes relevantes? São muitas as qualidades de nosso homenageado que mereceriam ser enaltecidas.

Na contingência de encontrar um traçado para o meu texto de saudação, optei por um percurso histórico, ressaltando três aspectos de sua notável atuação intelectual e acadêmica, todos intimamente relacionados: o seu papel como professor, como pesquisador, e como um homem de grande energia, atento às necessidades de seu tempo, pronto a transformar as ocasiões em oportunidades para saná-las.

Como não poderia deixar de ser, emoldurei esse percurso com dados de sua vida pessoal e familiar. Ressalto ainda que este texto de saudação, embora autoral, procurou, em vários momentos, ouvir a voz do próprio homenageado, extraída de depoimentos, escritos e falados, que ele incansavelmente nos têm oferecido.

Começemos por sua infância. Ataliba Teixeira de Castilho foi contemplado com dons especiais e com as forças positivas de um destino feliz. Nascido e criado no interior do Estado de São Paulo, sua boa sorte manifestou-se desde o berço. Seus pais foram Luiz Antonio de Castilho, eletricista, e Edith Teixeira de Castilho, professora primária. Ele era católico, da zona rural, e ela protestante, vinda da cidade. O encontro de dois jovens tão diferentes, pode causar uma certa preocupação. Ledo engano. Vejamos o que Ataliba profere a respeito de seus pais: *De origem muito diferente, eles se completavam maravilhosamente, pois estavam lendo o tempo todo, compartilhando com entusiasmo os achados que iam fazendo.*¹ Assim, no aconhego do lar, com seus dois irmãos, Luedy e Jonas, infelizmente falecidos, o menino ia recebendo o que de melhor se pode esperar de uma família.

Aos 19 anos o jovem ingressa no curso de Letras Clássicas na USP, que cursou entre 1956 e 1959. Um ano depois, em 1960, faz Especialização em Linguística Românica e Literatura Portuguesa com os professores Theodoro Henrique Maurer Jr e Antonio Soares Amora. Por que o Curso de Letras? Ataliba responde de imediato: *Decidi-me a fazer Letras, primeiro porque sempre quis ser professor, e segundo porque tive um excelente professor de Português no ensino médio, em São José do Rio Preto, o Prof. Amaury de Assis Ferreira.*²

Após a primorosa formação universitária o entusiasmado professor inicia sua vida profissional, lecionando no ensino secundário, de 1959 a 1960, em São Miguel

¹Comunicação pessoal.

²Comunicação pessoal.

Paulista e em Suzano. Em São Miguel, ajudado pelos alunos, cria a biblioteca do Ginásio Estadual “Francisco Roswell Freire”.

No promissor início de carreira, acontece algo extraordinário, nova evidência de um destino feliz. Ataliba encontra o grande amor de sua vida. A bela jovem, com apenas 17 anos, transforma-se numa companheira inseparável, numa presença constante em todas as suas atividades como professor e pesquisador, nas três universidades oficiais do estado em que atuou e nas universidades do exterior em que juntos estudaram. Célia Maria Moraes de Castilho é também linguista, doutora pela Universidade Estadual de Campinas.

Num depoimento que tive o privilégio de receber, Ataliba faz um balanço de suas atividades e revela: O fato é que eu não poderia ter feito nada disso se não tivesse contado com a invariável ajuda e compreensão da Célia, com quem me casei há mais de 50 anos. Célia brindou-me com uma família inspiradora, constituída por nossos filhos, nascidos em Marília: Cláudia (hoje bibliotecária na Unicamp), Célia (hoje professora em Monte Alegre do Sul) e Rogério (hoje patologista bucal, professor e pesquisador na University of Michigan, em Ann Arbor). Vieram mais tarde os netos, dois brasileiros (Renan, com 19 anos, e Vinicius, com 12) e dois americanos (Matthew, com 8 anos, e Leonard, com 5). Sem a Célia, eu não conseguiria o título de Professor Emérito da melhor universidade do país.

Em 1962, aos 24 anos de idade, o jovem mestre passa a integrar, juntamente com outros colegas, muitos deles de formação uspiana, o Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Marília, na época funcionando como um instituto isolado de ensino superior do Estado. O momento histórico era propício. De fato, a partir da segunda metade dos anos 50, um professor da Universidade de São Paulo, o governador Carvalho Pinto, passa a responder aos anseios da elite paulista e dá início a uma das mais importantes políticas culturais do Estado de São Paulo. O Mapa Cultural Paulista passa a ser redesenhado, incorporando o interior.

Havia uma nova política de interiorização dos centros de pesquisa e ensino. Escolas de nível superior são criadas em vários municípios, todas elas incorporadas na UNESP, em 1976. Surgia, assim, a terceira universidade oficial paulista.

Nesses anos dourados, por assim dizer, outro fato importante define o momento ideal para marcantes movimentações. No início da década de 1960, por Decreto Federal, a Linguística passa a fazer parte das disciplinas obrigatórias do currículo de Letras.

Em um de seus depoimentos, nosso homenageado revela que, na jovem Faculdade de Marília, havia liberdade para a condução do ensino e da pesquisa, dinheiro para comprar livros e para convidar professores do país e do exterior. Havia igualmente uma tremenda animação em realizar coisas novas, em buscar uma identidade própria. Os ousados pesquisadores quebram paradigmas: focalizam a sincronia, atentos à România Nova; vão em busca da oralidade, jamais até então descrita; apaixonam-se pela nova disciplina.³

Na FAFI de Marília, onde permanece de 1962 a 1975, Ataliba foi Vice-Diretor, Chefe do Departamento de Letras e fundador da Revista Alfa, hoje Revista de Linguística da Unesp, atualmente com mais de 50 números publicados.

Com a vinda do Projeto da Norma Urbana Culta (Projeto NURC) para o Brasil, ele assume, junto com o Prof. Isaac Nicolau Salum da USP, todas as dificuldades que resultam das tarefas de coordenação do Projeto em São Paulo; posteriormente, junto com o Prof. Dino Preti, também da USP, dá início às publicações do corpus coletado pelas equipes em São Paulo e no Brasil. Com isso uma rica amostra da fala culta dos brasileiros passa a ser documentada.

Em 1967, organiza o I Seminário de Linguística de Marília, de que resulta a fundação do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), de que foi o primeiro presidente, de 1969 a 1971. Também ali foi proposta a fundação da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), que presidiu de 1984 a 1986. Ambas as associações, hoje com 44 anos de existência, têm sido decisivas para o desenvolvimento da Linguística no Brasil e para os estudos sobre o português brasileiro.

Em relação ao I Seminário de Linguística de Marília, resumo um de seus comentários: *Éramos tão poucos que resolvemos convidar todo mundo, escassamente uns doze linguistas, atribuindo uma tarefa a cada um deles: Joaquim Mattoso Câmara Jr. falaria sobre o Estruturalismo; Theodoro Henrique Maurer Jr. sobre a Linguística Histórica; Aryon Rodrigues sobre a Linguística Indígena; Nelson Rossi sobre a Dialetolegia...*⁴ e assim por diante.

³ Castilho, A.T. (2011). Breve memória do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. Em: A.F. Brunelli; F. Komesu; S.D. Gasparini-Bastos; S.C.L. Gonçalves (Orgs.). GEL: quarenta anos de história na Linguística Brasileira. São Paulo: Paulistana Editora, pp.49-56.

⁴ Castilho, A.T. (2011) Contribuições do Gel ao desenvolvimento da linguística brasileira. *Anais dos Seminários do Gel*.

O objetivo imediato do departamento era dar um balanço nas direções que a nova ciência estava tomando no país. O evento dura uma semana. Tremendo sucesso. O Ataliba jovem era o Ataliba de sempre, e já com os seus famosos arroubos, incapaz de se segurar nos tamancos, como ele mesmo diz, e para que a coisa não morresse ali, propõe a criação das duas sociedades acima mencionadas, que ele explica da seguinte forma: foi *um ataque de patriotismo nacional e estadual, tudo ao mesmo tempo*.⁵

A caminhada que se inicia revela igualmente uma entrega total à vocação para a pesquisa. Na sua tese de doutorado *Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa*, nosso homenageado aborda um tema de grande complexidade, sob a orientação do Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr., com a qual obtém o título de doutor em Linguística, pela Universidade de São Paulo, em 1966. Estava com 29 anos de idade. A tese foi publicada em 1968, tendo sido o primeiro livro sobre essa categoria.

Nos anos que se seguem, Ataliba realiza vários estágios de pós-doutoramento em universidades de renome, na França, Itália, Portugal e Estados Unidos, ampliando seus horizontes intelectuais, e consolidando uma volumosa produção bibliográfica. Com o tempo, suas descobertas e reflexões o levam a desenvolver o que tem chamado “abordagem multissistêmica da língua”, de cunho funcionalista-cognitivista. Essa abordagem parte das seguintes premissas: do ângulo de sua produção, a língua ilustra pelo menos quatro grandes processos: a lexicalização, a semanticização, a discursivização e a gramaticalização; ela é então definida como um conjunto de processos mentais, pré-verbais. Do ângulo de seus produtos, a língua ordena-se em quatro sistemas: o Léxico, a Semântica, o Discurso e a Gramática. Seja como um conjunto de processos, seja como um conjunto de produtos, os sistemas da língua são caracterizáveis por conjuntos de categorias, administradas por um dispositivo sociocognitivo depreendido das estratégias conversacionais – visto ser a conversação a mais básica das atividades linguísticas.

O fundamento epistemológico dessa abordagem é o da ciência dos sistemas complexos, mais afeito a tratar de fenômenos inconclusos, em andamento, como é o caso das línguas naturais. A abordagem multissistêmica tem sido aplicada em vários de

⁵ Castilho, A.T. (2011) Contribuições do Gel ao desenvolvimento da linguística brasileira. *Anais dos Seminários do Gel*.

seus estudos sobre o português brasileiro, e em dissertações e teses de seus orientandos.⁶

Retomando nosso percurso histórico, vemos que, entre os anos 1975 e 1991, nosso professor homenageado encontra-se lecionando na Graduação e Pós-Graduação, no Departamento de Linguística da Unicamp, a convite do Prof. Carlos Franchi, um dos criadores, ao lado do Prof. Antonio Candido de Mello Souza, do Instituto de Estudos da Linguagem, modelo de excelência no Brasil e no exterior.

Mais uma vez, Ataliba responde, positivamente, por inteiro, aos apelos e necessidades de seu tempo. Novamente vai dar o melhor de si. Ele não sabe ser de outro jeito. Seu profundo senso de serviço o leva a realizar obras de grande repercussão e pioneirismo.

Assim, lança o Projeto de Gramática do Português Falado, a mais extensa iniciativa do gênero, que reuniria cerca de 40 pesquisadores experimentados, oriundos de 12 universidades brasileiras. Com base nos dados levantados pelo NURC, resultam do novo projeto 8 volumes de ensaios já publicados, e 5 volumes da fase de consolidação, de que se publicaram 4 até o presente. O português brasileiro torna-se a primeira língua românica a ter sua variedade falada culta amplamente descrita.

Em 1980, juntamente com Rodolfo Ilari, seu amigo e colega inseparável de muitos episódios, alguns sérios e outros engraçados, organiza o V Instituto do Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas, e em 1990 o IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, organismo que preside de 1999 a 2005, esforçando-se por aproximar a Linguística brasileira da Linguística hispano-americana.

Paralelamente, cria o Sistema de Bibliotecas dessa universidade, concorrendo para a construção da Biblioteca Central. Diga-se de passagem, que tais experiências o levam à identificação de importantes acervos, englobando tanto os acervos arquivísticos, como os fundos documentais que necessitavam de tratamento. Além disso, torna-se responsável pela coordenação da implantação do primeiro sistema de arquivos universitários do Brasil, o SIARQ-UNICAMP, e funda o Arquivo Central, que reúne hoje a memória

⁶ Castilho, A. T. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica. Em: A.T. de Castilho; M. A. C. Torres Morais; R.E.V. Lopes; S.M.L. Cyrino (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro. Homenagem a Mary Kato. Campinas: Pontes / Fapesp, pp. 329-360, 2007. Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010. Representações das categorias cognitivas e sua diacronia. *Interface linguística cognitiva-linguística histórica. Filologia e Linguística Portuguesa*. No.13. p 63-87, 2011.

científica da universidade.

Em fevereiro de 2012, quando da realização do II Congresso Internacional de Linguística Histórica, uma homenagem a Ataliba Teixeira de Castilho, realizado na USP, o Prof. Renato Venâncio, historiador, profere uma palestra intitulada, Ataliba entre arquivos e museus, e surpreende o público ao revelar que a atuação de nosso professor emérito não se resumia aos estudos linguísticos. Na sua trajetória acadêmica há experiências profissionais nos campos da Arquivologia e da Museologia.

O historiador revela que o SIARQ-UNICAMP configura-se como uma experiência pioneira, uma referência para outras instituições brasileiras, mudando o cenário arquivístico universitário no Brasil. Em que sentido? No sentido em que implanta uma perspectiva sistêmica, aproveitando-se das inovações que estavam ocorrendo no campo da arquivologia brasileira, mas que eram conhecidas e discutidas por um grupo muito pequeno de especialistas.

Na visão de Venâncio, Ataliba está atento aos novos tempos, e capta o significado profundo dessas inovações, tanto na preservação dos acervos documentais para as futuras gerações, como na modernização da administração. Ele ainda destaca o fato de nosso homenageado ter transformado sua atuação como gestor administrativo num espaço de reflexão, organizando seminários e coletâneas, para os quais são convidadas as maiores autoridades no assunto. A criação de uma mentalidade arquivística no campus da Unicamp leva à formação de 43 equipes setoriais e ao treinamento de 150 funcionários. Por isso mesmo, encontra-se presente entre nós a Sra. Neire do Rossio Martins, diretora do Arquivo Central da Unicamp, que colaborou com Ataliba desde o início, para a criação do SIARQ.

Alguns anos mais tarde, já na USP, um novo desafio apresenta-se. Dessa vez a resposta afirmativa se refere ao convite para colaborar na criação do Museu da Língua Portuguesa, para o que escreve o roteiro da Linha do Tempo. Pouco tempo depois, ele coordena os pesquisadores responsáveis pela constituição de informações, textos e corpus, disponibilizados no Portal da Língua Portuguesa.

Após a aposentadoria na Unicamp, Ataliba dá início à sua carreira uspiana, em 1991, com o concurso na Área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas. Em 1992, ingressa como Assistente Doutor, apresentando-se ao concurso de livre-docência, em 1993, com o trabalho intitulado A predicação

adverbial no português falado. Finalmente, em 1996, presta concurso para Professor Titular, cargo que exerce até a aposentadoria compulsória, em 2007.

Seria natural imaginar que o filho vitorioso que retorna à casa onde obteve a formação acadêmica está um tanto quanto desacelerado. Afinal, passaram-se algumas décadas. Muitos foram os desafios enfrentados, as tarefas cumpridas. Ledo engano. Os que convivem com nosso homenageado sabem que tal desaceleração seria impossível. Não faz parte do maquinário.

De fato, os vários anos dedicados à sua vocação tornaram-no mais sábio e experiente. Ataliba está no auge de sua maturidade intelectual. Acalenta planos ousados para a Área de Filologia e Língua Portuguesa. Está preparado para empreender esforços contínuos na realização de todos eles.

Assim, sua marcante atuação nos anos uspianos manifesta-se na docência, nas tarefas de mestre e orientador, e no talento para organizar e coordenar grandes projetos, de âmbito institucional e inter institucional. Manifesta-se ainda no campo administrativo, na coordenação e vice-coordenação da Graduação e Pós-Graduação, ao lado de colegas como Ângela Rodrigues, Heitor Megale e outros. Nessas funções, promove atitudes políticas decisivas, tanto de natureza curricular e administrativa, como de cunho científico.

Há uma nova dinâmica para o aperfeiçoamento intelectual dos docentes, concretizada nos estágios de pós-doutamento no exterior.

Surge, igualmente, uma nova mentalidade no que se refere à carreira docente. Para exemplificar esse ponto, lembro-me de que, na época, o candidato ingressava na Área de Filologia e Língua Portuguesa por concurso público, como professor contratado. A efetivação era um processo demorado, que podia levar anos.

Com a reversão desse quadro, realiza-se, em 1999, um concurso histórico, no qual são efetivados nove professores, entre os quais eu mesma me incluí. Considero um grande privilégio que o meu ingresso na USP tenha se dado num momento tão propício.

Ataliba acalenta um sonho para a Área de Filologia e Língua Portuguesa (AFLP): a sua departamentalização. Para tanto, redigiu um longo documento intitulado Projeto de Departamentalização da Área de Filologia e Língua Portuguesa, no qual não apenas apresenta os objetivos do projeto, um breve histórico e situação da área na época, como ainda traça um plano completo para a criação do que ele domina Departamento de Filologia e Linguística Portuguesa. Entraves burocráticos têm impedido, por enquanto,

que esse sonho se realize.

Os grandes planos de nosso homenageado englobavam ainda a criação do Projeto de História do Português de São Paulo, lançado em 1997, pelo Programa de Pós-Graduação da AFLP. Uma das motivações desse projeto era a busca das raízes diacrônicas do português de São Paulo.

Como Ataliba argumenta, faltava estudar o português paulista do ponto de vista histórico, uma tarefa plenamente justificada, quando se pensa que a língua portuguesa começou a ser realmente implantada, em 1532, em São Vicente, aqui no Estado de São Paulo. Esse foi o primeiro povoamento, quando os portugueses decidiram explorar de fato o território. Depois de São Vicente vieram Santo André, São Paulo e Santana do Parnaíba. Foi por essas quatro cidades que começou a penetração do português para outras partes do interior paulista e daí para as várias regiões do Brasil.⁷

O novo projeto seguiria o mesmo ritmo do Projeto de Gramática do Português Falado, ou seja, estabelecimento de recortes teóricos para os temas de pesquisa, levantamento de corpus editado filologicamente e resultados apresentados e discutidos em seminários anuais.

Assim, o I Seminário foi realizado em 1998, na USP. Colegas de várias outros estados tinham sido especialmente convidados a participar do encontro.

Qual teria sido a consequência mais importante desse encontro que, diga-se de passagem, já era esperada e acalentada pelo nosso homenageado? Foi que, observando a animação e entusiasmo dos participantes, Ataliba propõe estender o âmbito geográfico da empreitada paulista. Estavam assim plantadas as sementes do Projeto para a História do Português Brasileiro. Ou seja, ao invés de um único projeto, surgem dois, um de natureza regional, outro de natureza nacional.

Em particular na AFLP, a repercussão dessa iniciativa foi enorme, no sentido em que incorporou vários docentes e seus orientandos nas diversas tarefas exigidas pelos objetivos dos dois projetos, quer no levantamento dos fatos de natureza sociohistórica, quer na organização dos corpora, quer na descrição dos fenômenos linguísticos, incluindo seus aspectos de variação e mudança.

A respeito desse projeto, o querido colega Ataliba de Castilho brindou-me com o seguinte depoimento, que compartilho com todos vocês.

⁷ Castilho, A.T. (2011). Entrevista. *Bandeirantes da língua portuguesa*. a Mônica Pileggi. Fapesp.

Lecionei nas 3 universidades oficiais paulistas, e por todo lado encontrei a invariável cooperação dos colegas e o entusiasmo dos alunos – para quem está voltado tudo o que fazemos na academia. Minha maior alegria na USP, universidade na qual estreei nos estudos universitários e na qual encerrei a carreira formal, foi ter lançado o Projeto para a História do Português Brasileiro.

Fiz isso para retomar a tradição em Linguística Histórica dessa universidade, uma tradição que teve em Theodoro Henrique Maurer Jr. sua figura maior. O PHPB conta hoje com mais de 200 pesquisadores, 70 dos quais integrando a equipe paulista.

Há treze equipes regionais, que definiram uma agenda de trabalho, de que já resultaram 8 volumes de ensaios e muitos mestrados e doutorados.

O grupo prepara agora sua obra maior, a História do Português Brasileiro, em 5 volumes, vários deles com muitos tomos.

Tudo deverá estar pronto em 2015.

Fui eleito editor geral dessa grande obra de referência.

Outra grande alegria confessada por Ataliba foi a ter realizado, em 2010, um balanço da vasta produção dos últimos 30 anos sobre o PB, na Nova Gramática do Português Brasileiro, a partir da ótica do que denomina Abordagem multissistêmica da língua.

Na Nova Gramática Ataliba propõe instigantes inovações. O tempo de que disponho me permitirá abordar apenas uma delas, que escolhi por considerá-la suficiente para refletir suas preocupações pedagógicas.

De fato, nosso homenageado é professor acima de tudo. Sua paixão é propor estratégias que possibilitem a cada falante do PB o domínio das formas de prestígio, formas vivas, atuantes, que sirvam como instrumento de comunicação e reflexão para milhões de brasileiros. Em muitas de suas declarações isso fica claro, em particular, naquelas em que responde a perguntas como O que é preciso para tornar eficiente a reflexão gramatical? Como um professor pode ensinar a entender a língua? Por que a língua falada antes da língua escrita?

Ataliba afirma e reafirma: é obrigação da escola levar o aluno a se apropriar de escritas mais elaboradas, mas o ponto de partida não é esse. A prática escolar deve começar com o conhecimento linguístico que o indivíduo traz interiorizado em sua mente, a partir do ambiente familiar. Ou seja, a partir da língua falada.

Nesses termos, seu objetivo é tornar o aluno um cientista que vai desenvolvendo a capacidade de pensar os fatos linguísticos de sua língua materna. Os alunos serão par-

ceiros nos caminhos da descoberta científica. Um novo ritmo se desenvolverá nas salas de aula, trazido pela dinâmica de perguntas que são formuladas e de respostas que se baseiam em dados da língua, e que serão discutidas e avaliadas. A partir dessas respostas novas perguntas surgem, revelando que o fazer científico é interminável.⁸

Em sua palavras: Poderemos ultrapassar a fase da “*aula-pacoteira*”, em que respostas são dadas a perguntas que não foram formuladas, em que a emoção da descoberta é soterrada pelo tédio das duras rotinas, em que todo mundo continuará com a sensação do tempo perdido, do aprendizado nenhum, da monotonia sem fim. *Que desperdício de oportunidades!*⁹

Com relação ao ensino gramatical tradicional, suas críticas são ainda mais contundentes. O gramático deixará o estilo-revelação, descendo como Moisés do Monte Sinai. Esse estilo é irritante, chato.

Nesse ponto, encerro meu texto de saudação. Tenho certeza de que cada colega que respondeu afirmativamente à outorga do título de emérito ao Ataliba, reconheceu igualmente a sua arraigada convicção de que o domínio da língua propicia ao indivíduo um certificado de sua identidade, *uma vez que é nela que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro.*¹⁰

Creio que a voz castilhana poderia ser harmoniosamente intercalada com a voz de outro grande nome na galeria dos eméritos uspianos, a do prof. Antônio Cândido, em sua saudação aos formandos de Letras da USP, em 2008. Em uma das passagens de seu texto, o professor afirma: *a língua é a base de tudo. Todas as possibilidades do homem passam pela língua. Portanto, essa simples constatação já mostra que o ensino da língua, o cultivo da língua são não uma necessidade básica da sociedade, mas a necessidade básica da sociedade.*¹¹

Passemos a palavra ao nosso homenageado.

São Paulo, 28.06.2013

⁸ Castilho, A.T. 2007. As letras no ensino e na pesquisa. Veredas on –line. p. 10

⁹ Castilho, A.T. 2007. As letras no ensino e na pesquisa. p. 16

¹⁰ Castilho, A.T. Entrevista Nova Gramática do Portugues Brasileiro. Editora contexto. Disponível no YouTube.

¹¹ Antônio Cândido para formandos da USP. 2008. Disponível no YouTube

Discurso do Homenageado

Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castro

Excelentíssimo Senhor Diretor da FFLCH, Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu
Excelentíssima Senhora Professora-Chefe do DLCV, Profa. Dra. Marli Quadros Leite
Excelentíssimos Senhores Membros da Congregação da FFLCH, aqui reunidos em sessão extraordinária

Estimados colegas e queridos familiares

Introdução

Quero inicialmente agradecer à Universidade de São Paulo pela concessão do título de Professor Emérito, uma honraria dada a poucos.

Agradeço igualmente às colegas Professoras Doutoradas Maria Célia Lima-Hernandes e Maria Aparecida Correia Torres Morais, que tomaram a iniciativa de apresentar à Faculdade a proposta respectiva. Assumo hoje uma dívida de gratidão para com esta Universidade e para com meus colegas da Área de Filologia e Língua Portuguesa desta Faculdade. Já estou pensando em pagar essa dívida, como se verá mais adiante.

Ocorreram nesta instituição os passos mais significativos de minha carreira docente, embora tenha lecionado aqui apenas 15 dos meus 47 anos de magistério superior.

Eu não teria realizado o que a Maria Aparecida tão gentilmente relatou nesta seção, se não tivesse contado o tempo todo com duas fontes de apoio e de inspiração, com as quais compartilho esta homenagem: minha esposa, Célia Maria, também linguista e companheira de pesquisas, e os colegas que participaram e continuam participando dos projetos coletivos que coordenei.

O momento de aceleração de nossas carreiras coincide com o da criação dos filhos. Quem já passou por isso sabe como é. Pois a Célia nunca usou esse argumento para sugerir que eu abrisse mão dos compromissos que surgiam. Pelo contrário, trabalhou comigo em todas as iniciativas que fui tomando, com sua calma e com sua agudez de espírito. Uma pequena parte desta homenagem é minha, mas tudo o mais é da Célia. Muito obrigado, minha querida! Agradeço também às nossas filhas, Cláudia e Célia Castilho, e aos nossos netos brasileiros, Renan e Vinicius, por terem comparecido a esta homenagem. Para completar a família, lembro nosso filho Rogério Castilho, professor da Universidade de Michigan em Ann Arbor, e nossos netos americanos, Matthew e Leonard.

Numa cerimônia como esta, habitualmente o professor agraciado rememora suas atividades na universidade que o distingue, retomando em alguns casos o que já escrevera em seus memoriais de concurso.

Peço licença ao Presidente desta sessão, e aos colegas presentes, para inverter as regras desse jogo, e em vez de falar sobre o passado, falar sobre o futuro. Afinal, em se tratando da USP, é sempre de futuro que se trata.

É por pensar no futuro de nossa ciência e de nossa universidade que lhes apresento a proposta de criação do Programa Interinstitucional de Pós-Doutoramento em Teoria Linguística. Peço que avaliem criticamente essa proposta e que me deem retorno, para seu melhoramento. Enumero, num segundo momento, as justificativas dessa proposta.

1. Proposta de criação do Programa Interinstitucional de Pós-doutoramento em Teoria da Linguagem

Demonstrarei adiante que a USP desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da Linguística brasileira, ora respaldando iniciativas de professores da antiga CESESP, atual UNESP, egressos de seus cursos, ora tomando ela mesmo as medidas necessárias à implantação e à expansão dessa ciência em nosso país.

Esta universidade precisa dar o próximo passo, objetivando desenvolver reflexões teóricas de um modo sistemático, refletindo sobre os achados da Linguística brasileira nos últimos 40

anos, por via do mencionado Programa.

Acredito que o Programa Interinstitucional de Pós-doutoramento em Teoria da linguagem funcionaria assim:

(1) Uma Comissão Científica, composta por pesquisadores sêniores, afiliados a mais de uma universidade, dariam ao programa uma conformação mais precisa do que aquela que se segue.

(2) Programas de doutorado selecionariam os melhores concluintes de seus cursos, candidatando-os a esse Programa. Eles seriam sujeitos a uma prova de seleção, na qual teriam de demonstrar pendor para a reflexão teórica, um excelente domínio da bibliografia publicada no Brasil, e proficiência em inglês, falado e escrito, que se consolidou como a língua da ciência em nossos tempos.

(3) Os alunos assim aprovados farão jus a uma bolsa de estudos diferenciada, que incluirá recursos para a aquisição de bibliografia, plano de saúde, passagens aéreas para deslocamentos no país ou fora dele e verba de instalação, quando for o caso. Na eventualidade de a universidade ou agências de fomento não poderem garantir essa bolsas, o programa simplesmente não deverá ser instalado.

(4) Num primeiro momento, os alunos do Programa cursarão obrigatoriamente as seguintes disciplinas, a serem ministradas por especialistas afiliados a universidades brasileiras ou estrangeiras:

- Epistemologia
- História das ideias linguísticas
- Teoria fonológica
- Teoria gramatical
- Teoria semântica

A avaliação em cada uma dessas disciplinas será a propositura de um projeto de desenvolvimento teórico na disciplina em questão.

(5) Terminadas as disciplinas, os pós-doutorandos darão início à execução de seu projeto. Durante esse período, eles participarão de seminários anuais, em que apresentarão obrigatoriamente os resultados de sua pesquisa.

(6) O programa será finalizado com a apresentação de ensaio de cunho teórico, obtendo sua aprovação em banca designada pela Comissão Científica.

Os alunos que forem aprovados conduzirão a Linguística brasileira a um novo patamar, neutralizando-se a atual repetição de temas, e a subserviência continuada às reflexões que vêm do exterior. No quadro atual, como demonstro a seguir, a Linguística brasileira corre o risco de desaparecer, tragada pela voragem das novas exigências científicas. Mas se o Programa der certo, ela se emparelhará aos centros científicos produtores de boa ciência.

Incorporaremos nas práticas desse Programa uma necessária convivência dos contrários. A diversidade é fecunda. A similitude é estéril. O igual é previsível, monótono, desestimulante. O diferente é tudo isso, mas com sinal invertido. Deveríamos refletir o tempo todo sobre essas questões, quando selecionamos professores para completar nossos quadros acadêmico. Afinal, a experiência da diversidade já foi testada com sucesso em alguns de nossos projetos coletivos de pesquisa.

Estou convencido de que a Linguística brasileira precisa disso tudo para não cair na irrelevância. Estou convencido que a USP é o lugar para essa nova virada. Depois de debatida pelos colegas desta e de outras universidades, pretendo submeter essa proposta à Reitoria da Universidade de São Paulo.

A seguir, exponho as justificativas desta proposta.

2. Justificativa 1: o desenvolvimento da Linguística brasileira

Uma das justificativas para a apresentação desta proposta deriva do desenvolvimento da Linguística brasileira. Para apresentá-la, farei uma brevíssima história dessa ciência entre nós.

Nos últimos 40 anos, a academia brasileira assistiu à consolidação da Linguística no país, graças a iniciativas que se concentraram em pelo menos dois grandes eixos:

- (i) Implantação e estruturação da Linguística via fundação de sociedades científicas, criação de programas de pós-graduação e publicação sistemática de revistas especializadas.
- (ii) Identificação dos temas de pesquisa relevantes para o conhecimento da realidade linguística brasileira, investigando-os por meio de projetos coletivos, de que resultou a produção de várias obras de referência.

Passo a desenvolver esses dois pontos.

2.1. Implantação e estruturação da Linguística no Brasil

No já distante ano de 1963, o Conselho Federal de Educação reformulou o currículo mínimo de Letras, instituindo a Linguística como disciplina obrigatória. A Universidade Nacional de Brasília preparou um curso intensivo de emergência, para que os então 63 cursos de Letras pudessem contar com pessoal minimamente qualificado. Agências de fomento concederam bolsas de doutoramento no exterior. Para manter o debate científico, foram criadas sociedades científicas, e já em 1969 fundava-se em São Paulo a Associação Brasileira de Linguística, juntamente com o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL). Ambas as associações foram formalmente instaladas no II Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, então presidida por Joaquim Mattoso Câmara Jr., realizado aqui na USP, naquele ano de 1969.

Essas iniciativas mostraram que elas atendiam a uma necessidade real, donde sua boa repercussão no país, surgindo novas sociedades científicas regionais: Grupo de Estudos Linguísticos do Norte (GELNO), Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná (CELLIP), Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), Centro de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), Associação de Estudos Linguísticos do Rio de Janeiro (ASSEL-RIO), entre outras.

Na década seguinte à da instalação formal da Linguística em nossas universidades, várias dentre elas implantaram cursos de pós-graduação, para a formação do pessoal necessário. Lembre-se que muitas delas jamais tinham formado doutores antes disso. Esse não foi o caso da área de Letras desta Universidade, que orientava e titulava doutores pelo que hoje se chama “o sistema antigo”, vale dizer, pelo sistema europeu, substituído pelo sistema atual, de cunho americano.

A nova Pós-Graduação teve início na USP em 1971, no então Departamento de Linguística e Letras Orientais, por iniciativa de meu orientador de doutorado, o Prof. Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr. Em 1972, foi a vez da Área de Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, graças ao espírito visionário do Prof. Dr. Segismundo Spina. Como a área não dispunha de massa crítica suficiente para manter o curso, ele convidava professores da UNESP, que atendiam com prazer ao seu chamamento. Conto-me entre eles. Juntamente com meus colegas de Marília, Assis e Araraquara, levantávamos de madrugada para viajar de ônibus a São Paulo, retornando no mesmo dia após as aulas, chegando às nossas casas na madrugada do dia seguinte. Se vocês estão pensando que ficamos ricos com isso estão enganados, pois o programa podia pagar apenas a passagem de ônibus. Mas valeu a pena, pois a terra era boa,

e o programa frutificou, como se pode ver por suas realizações atuais.

Com a expansão desses cursos no país, foi fundada em 1984 a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), voltada para o aprimoramento da pesquisa pós-graduada. Como se vê, depois de 1963, cada década trouxe uma novidade, provocada pela inquieta comunidade dos linguistas brasileiros.

Dezenas de revistas especializadas passaram a ser editadas. Junto com colegas de Marília, fundei em 1962 a Alfa, hoje sub-titulada Revista de Linguística da Unesp. Essa revista nunca foi descontinuada, mesmo após a transformação da antiga CESESP na atual UNESP. Eu a dirigi até seu número 17, sempre ajudado pela Célia. A USP criou em 1982 uma revista mista, Língua e Literatura, que edita os textos preparados por seus Departamentos de Letras. Posteriormente, em 1997, por iniciativa da Profa. Dra. Ieda Maria Alves, foi criada uma revista especializada, Linguística e Filologia Portuguesa, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa desta Casa.

Ainda no quadro da implantação e expansão da Linguística no Brasil, muitos seminários e congressos de Linguística passaram a realizar-se com sistematicidade. Os jovens que hoje apresentam pela primeira vez suas comunicações em associações como o GEL decerto não sabem que até os anos 70 eventos desse tipo só ocorriam com regularidade na Europa e nos Estados Unidos.

Foi estabelecida uma política de aquisição e difusão de bibliografia especializada, graças à criação de sistemas de bibliotecas em nossas universidades, e esse é o caso do SIBI/USP.

Resultaram desse quadro complexo diversas investigações sobre temática de relevância para o conhecimento da realidade linguística brasileira. Isto me leva ao próximo item, em que mencionarei alguns projetos relativos ao português brasileiro e a publicação de obras de referência daí resultantes.

2.2. Projetos coletivos de pesquisa e produção de obras de referência

A consolidação da Linguística e a profissionalização dos linguistas brasileiros teve por efeito uma busca cuidadosa de temas de interesse para o desenvolvimento da cultura nacional. Os linguistas sentiram o peso de suas responsabilidades sociais e políticas. Sem descurar de sua formação teórica, eles passaram a buscar assunto para suas pesquisas nas centenas de línguas indígenas brasileiras, na variabilidade e na mudança do português brasileiro, e nas diversas situações de contato linguístico. Surgiram assim vários projetos coletivos de investigação, de que mencionarei os seguintes:

- *Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta*, (Projeto NURC), a partir de 1970, com a participação de equipes das universidades federais de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, e das três universidades oficiais paulistas: USP, Unesp e Unicamp.
- *Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro, hoje Programa de Estudos de Usos Linguísticos*, (PEUL), desde 1972, com sede na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- *Projeto de Aquisição da Linguagem*, a partir de 1975, com sede na Universidade Estadual de Campinas.
- *Projeto de gramática do português falado*, a partir de 1988, com sede na Universidade Estadual de Campinas, que reuniu 32 experimentados pesquisadores de 12 universidades do país.
- *Dicionário Gramatical de Verbos e o Dicionário de Usos do Português do Brasil*, ambos coordenados por Francisco da Silva Borba, com sede na Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara.

Já nos anos 90 surgiram, entre tantos outros, os seguintes projetos coletivos:

- *Programa de História do Português* (PROHPOR), desde 1991, localizado na Universidade Federal da Bahia.
- *Projeto Variação Linguística do Sul do Brasil* (VARSUL), desde 1992, inspirado no PEUL, com a participação das Universidades Federais do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.
- *Projeto do Atlas Linguístico Brasileiro* (ALIB), desde 1997, com a participação da UFBA, UFJF, UEL, UFRJ, UFRS.
- *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB), a partir de 1997, por proposta da Área de Filologia e Língua Portuguesa desta universidade.

Peço licença para concentrar-me em apenas dois desses projetos coletivos.

O projeto de que resultou a *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (GPCFB) publicou 8 volumes de ensaios entre 1990 e 2002. Esse projeto ingressou em 2006 em sua fase de consolidação, publicando-se o volume I em 2006, relativo à construção do texto, os volumes II e III em 2008, relativos às classes de palavras e à construção da sentença. Neste ano de 2013 será

publicado o vol. V, referente à construção fonológica da palavra, enquanto se ultima o volume IV, referente à construção morfológica da palavra, este, integralmente sob a responsabilidade de pesquisadores da USP.

O projeto de que decorreu essa gramática representa uma das realizações mais notáveis da Linguística brasileira, pela amplitude dos temas versados, e pelo cultivo da convivência de teorias diversas.

O corpus utilizado é uma seleção de entrevistas do Projeto NURC/Brasil, selecionadas segundo os critérios desse projeto. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo financiou as duas atividades, também apoiadas pelo Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Tecnológicas.

As 6.178 páginas da Gramática do Português Culto Falado no Brasil, computados os ensaios e os volumes da fase de consolidação, embutem em suas entrelinhas mais de uma teoria da linguagem, aguardando quem tenha olhos para as ver. É um fato hoje reconhecido que o estudo da oralidade lançou vários reptos às teorias pré-existentes, e a Gramática não escapou a esse belo desafio. Além disso, o projeto fez do português brasileiro a primeira língua românica a ter sua variedade falada culta amplamente descrita.

O Projeto para a História do Português Brasileiro é hoje o mais extenso projeto diacrônico do país, reunindo mais de duzentos pesquisadores, distribuídos por 13 equipes regionais. Só a equipe paulista, hoje coordenada por Clélia Jubran e Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, conta atualmente com 70 pesquisadores.

Recordo com orgulho que o I Seminário desse projeto foi realizado aqui na USP, seguindo-se a ele sete seminários nacionais. Todos esses seminários tiveram suas atas publicados numa série, que conta atualmente com oito volumes, num total de 3636 páginas, se computarmos o período de 1998 a 2010. É bom lembrar que os três primeiros volumes dessa série foram publicados pela Humanitas, editora fundada nesta Faculdade.

Além das atas dos seminários, algumas equipes regionais começaram a publicar séries próprias, para divulgar as pesquisas. Relacionei todos esses dados na bibliografia que encerra este discurso-projeto.

Mas a notícia mais importante é que os pesquisadores do PHPB decidiram em 2007 produzir uma grande obra de referência, a História do Português Brasileiro, em 5 volumes, vários deles com diversos tomos, com publicação prevista para 2015.

Lembro aos jovens colegas e aos alunos desta Faculdade que a Linguística brasileira se

destaca no mundo atual por essa incrível capacidade de realizar pesquisas numa forma coletiva, agregando-se especialistas de orientações teóricas diferentes, numa prática impensável em outros meios acadêmicos.

Quer dizer então que já podemos escolher uma rede e ficar balançando ali, até que a Magra nos apareça? Não, não mesmo, pois está na hora de promover uma ampla reflexão teórica com base nas realizações aqui relatadas – e esse é o projeto que lhes estou apresentando.

Para configurá-lo, precisaremos de um ponto de vista sobre essa tarefa, o que nos leva à sessão seguinte.

3. Justificativa 2: ameaças ao desenvolvimento futuro da Linguística brasileira

Estou firmemente convencido de que vários riscos ameaçam na atualidade o desenvolvimento harmonioso da Linguística no Brasil, comprometendo seu futuro. Escolho dois deles:

1. O primeiro risco é o abandono progressivo das áreas da Linguística em que houve um desenvolvimento científico maior – refiro-me à Fonologia, à Morfologia à Sintaxe e à Semântica –, em favor das áreas de contacto com outras disciplinas, sobretudo a Análise do Discurso, entre outras. É bem verdade que a ciência moderna procura desencapsular-se dos seus velhos moldes positivistas, buscando interagir com outros domínios do conhecimento. Essa é uma orientação a que precisamos ficar atentos, mas a coisa poderá não dar certo se deixarmos de lado as disciplinas em que a linguagem humana foi retratada mais de perto, e com maior rigor. O abandono dessa áreas, que requerem um trabalho árduo para serem dominadas, tem-nos levado a uma representação pobre do que é a pesquisa linguística, com a diminuição das disciplinas em nossos cursos, e concentração em uma ou duas delas, de que resulta uma especialização precoce dos futuros linguistas. Num recente balanço, constatou-se que oitenta por cento de nossos programas de pós-graduação apresentam a seus alunos uma visão modesta do que é o labor linguístico, concentrando-o no debate do que é o Discurso. Esse é, sem dúvida, um importante sistema da linguagem, mas há outros, que progressivamente têm sido deixados à sombra: o Léxico, a Semântica e a Gramática, aí incluída a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe. Se persistirmos nessa prática desequilibrada, apresentaremos a nossos alunos uma visão distorcida do que é a Linguística, considerada na amplitude de seu desenvolvimento atual.
2. O segundo risco é a manutenção de velhos hábitos de pesquisa, próprios dos anos

1970, que não correspondem mais ao dinamismo a que chegou a Linguística brasileira. Esses hábitos decorrem do modo como se implantou a Linguística entre nós. Houve de início certa improvisação, que enchia de preocupação nossos mestres, afeitos ao duro trabalho da reconstrução linguística. Era de esperar-se que essa improvisação cedesse lugar a um planejamento mais seguro, que, entretanto, não veio. Exemplo da improvisação é o que tenho chamado de “movimento agarre seu francês”, ou “agarre o seu americano”. A coisa funciona assim: escolhe-se um linguista estrangeiro, de preferência mal conhecido no Brasil. Seus textos são traduzidos e publicados. O brasileiro bem sucedido nessa caçada assume-se como uma espécie de despachante tropical do especialista estrangeiro. Caso esse especialista venha ao Brasil, ou mesmo publique algum trabalho com seu descobridor nativo, bom, então é a glória. E aí, pronto, basta passar na secretaria e pegar a carteirinha de linguista brasileiro.

Quero deixar claro que fiquei velho mas não fiquei xenófobo. Começa que nosso patrão, o Senhor Universitas, é uma criatura desterritorializada, e as ciências que ele nos manda servir tampouco têm uma pátria. Tudo isso é verdade, mas não mais subsiste a perspectiva daqueles primeiros tempos, em que não dispúnhamos de suficiente empiria sobre a qual fundamentar as generalizações de que são feitas as teorias, que são o fundamento das ciências. Precisamos ler e avaliar criticamente o que tem sido feito no país. Me espanto cada vez que abro um livro de apresentação da Linguística para os estudantes, constatando ali um silêncio ensurdecido sobre o muito que já se fez. Uma vez mais: não estou dizendo que devemos citar por citar. Estou reclamando a instauração de um diálogo frutífero entre os linguistas brasileiros. Não trabalhamos tão duramente para dar no presente diálogo de surdos.

Ora, em nossos seminários e congressos atuais, continua-se a testemunhar a mesma estratégia dos anos 1970. O aluno ou o professor enunciam o nome de seu guia, e examinam seus materiais à luz que emana desse guia, apagando-se completamente sua individualidade nesse processo. É sempre aquela cantilena: “tou seguindo a teoria de...X”. Isso evidencia imaturidade e baixa autoestima, que nos mantém presos às elaborações teóricas gestada em centros do exterior, adiando o momento em que entraremos nesse mercado.

Permitam-me insistir nesse ponto. Em pleno século XXI, passados 50 anos da chegada da Linguística ao Brasil, não é mais possível continuar assim. A produção linguística brasileira é extensa, e os novos linguistas já podem encetar um diálogo frutífero com a produção disponível,

entendendo sempre que não se faz ciência sem confronto de opiniões, sem controvérsias. Isso não acontecerá se continuarmos a ignorar os escritos de nossos colegas, se deixarmos de lado a necessidade de avaliá-los criticamente. O panorama atual, infelizmente, é o de um eterno recomeço! O que vemos são velhos e jovens sempre de acordo entre si, numa pasmaceira de cemitério. Estamos transformando a Linguística numa religião!

Será necessário tomar uma iniciativa que nos mostre a conveniência de desenvolver modelos teóricos, dialogando no mesmo nível com o que vem de fora. Apenas a USP está aparelhada para desenvolver essa iniciativa, mormente agora, quando a Reitoria e diversas unidades acadêmicas passaram a desenvolver programas para aprofundar e sistematizar sua internacionalização. Acredito que a urgente criação do Programa Interinstitucional de Pós-Doutoramento em Teoria da Linguagem poderá reanimar e redirecionar a Linguística brasileira. Mas essa é, naturalmente, a tarefa de muitos especialistas.

Nesse Programa, será introduzido e sistematizado o debate epistemológico nas práticas do dia a dia. Como são desenvolvidas as teorias linguísticas? Por que os teóricos pensam como pensam? Quais são as alternativas? Para que rumos nosso conhecimento acumulado está apontando?

Começemos por constatar que pelo menos duas epistemologias caracterizam a Linguística contemporânea: a ciência clássica e a ciência dos domínios complexos.

A ciência clássica postula que o caminho para a descoberta científica é maiormente dedutivo. Cada situação é traduzida em termos matemáticos, um modelo é construído, e de agora em diante as ocorrências serão explicadas de acordo com esse modelo.

Essa epistemologia funciona bem se estivermos considerando os objetos linguísticos que atingiram certa cristalização. Ela deixa de fora os processos dinâmicos de criação linguística – como a criação de sentidos e a gramaticalização de estruturas, a mudança linguística, a representação das categorias cognitivas – e estou listando aqui tópicos já em desenvolvimento no Brasil. A língua falada é muito rica nesses fenômenos que não devem ser tratados como exceções incômodas.

Para dar conta do dinamismo de que é feita uma língua natural, uma nova epistemologia surgiu e se desenvolve desde os anos 1980, focalizando os problemas insolúveis nos quadros da perspectiva clássica. Essa epistemologia se tornou conhecida como a “ciência dos sistemas complexos”, também denominada “teoria do caos”.

A ciência dos sistemas complexos representa uma revolução científica que se aplica a domínios tão variados como a Meteorologia, a Economia, a Biologia, a Física, a Antropologia, com forte apoio na Matemática e nas Ciências da Computação. Em seu conjunto, essa ciência se propõe a ampliar os domínios e os procedimentos da ciência.

Não poderei deter-me numa caracterização mais elaborada dessas perspectivas, tarefa que já submeti ao criticismo dos colegas em várias outras ocasiões. Por ora basta entender que não se trata, em absoluto, de abandonar uma perspectiva em favor de outra. Deveremos, isto sim, seguir cultivando a ciência clássica, sempre que o objeto sob análise tiver atingido certa estabilidade, mas atacando também de ciência dos sistemas complexos, quando nosso objeto for caracterizável mais como um processo do que como um produto. Repercutiremos e ampliaremos, dessa forma, alguns sinais já visíveis em outros ambientes acadêmicos brasileiros. Não podemos permitir que a USP se atrase, aferrando-se a hábitos científicos incompatíveis com o dinamismo da ciência.

Para atuar nessa perspectiva, precisaríamos dispor de uma instância acadêmica que fosse além de nossos programas de pós-graduação, já suficientemente sobrecarregados. Imagino que a criação do Programa Interinstitucional de Pós-Doutoramento em Teoria da Linguagem poderia dar uma resposta a isso, alinhando a Linguística brasileira aos centros de criação da reflexão teórica.

Muito obrigado!

Referências bibliográficas

1. Projeto NURC

CALLOU, D. I. (Org.). A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/FJB, vol. I, Elocuções Formais, 1992.

CALLOU, D. I.; LOPES, C. R. (Orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, vol. II, Diálogo entre Informante e Documentador, 1993.

CALLOU, D. I.; LOPES, C.R. (Orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade do Rio de Janeiro. Materiais para seu estudo. Rio de Janeiro: UFRJ/CAPES, vol. III, Diálogos entre dois informantes, 1994.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil. Marília: Conselho Municipal de Cultura, 1970.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. I, Elocuções Formais, 1986.

CASTILHO, A. T.; PRETI, D. (Orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Mate-

- rais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. II, Diálogos entre dois informantes, 1987.
- CASTILHO, A. T. (Org.). As unidades discursivas no português falado. Em A. T. de Castilho (Org. 1989). Português Culto Falado no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- CASTILHO, A. T. de. O Português Culto Falado no Brasil. História do Projeto NURC/SP, em D. Preti e H. Urbano (Orgs. 1990, pp. 141-202).
- DEL CARRATORE, Enzo; LAPERUTA FILHO, Jayme. Léxico de frequência do Português falado na cidade de São Paulo (Projeto NURC). Marília / Botucatu, sem editora, 2009.
- HILGERT, José Gaston (Org.). A Linguagem Falada Culta na Cidade de Porto Alegre. Passo Fundo: Edupf / Porto Alegre: Ed. Universidade/Ufrgs, vol. I, Diálogos entre informante e documentador, 1997.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. O Vocabulário da Fala Carioca. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1996, Vol. I - Ordem de frequência decrescente; Vol. II - Ordem alfabética, Parte I (A-H); Vol. II - Ordem alfabética, Parte II (I-Z); Vol. III - Substantivos. Ordem de frequência decrescente; Vol. IV - Verbos, Adjetivos, Unidades em -mente, Nomes próprios, Marcas e Siglas. Ordem de frequência decrescente; Vol. V - Substantivos. Ordem alfabética; Vol. VI - Verbos, Adjetivos, Unidades em -mente, Nomes próprios, Marcas e Siglas. Ordem alfabética; Vol. VII - Instrumentos Gramaticais; Vol. VIII - Introdução: histórico, dados quantitativos e avaliação geral dos resultados, 1996.
- MOTTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera (Orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade de Salvador. Materiais para seu estudo. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, vol. I, Diálogos entre Informante e Documentador, 1994.
- PAIVA, Maria da Conceição (Org.). Amostras do Português Falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras / Faculdade de Letras / UFRJ / CAPES, 1999.
- PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson (Orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Materiais para seu estudo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. III, Diálogos entre o Informante e o Documentador, 1989.
- PRETI, Dino e URBANO, Hudinilson (Orgs.). A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. IV, Estudos, 1990.
- PRETI, Dino (Org.). Análise de Textos Oraís. São Paulo: FFLCH/USP, 1993; 2a. ed., 1995.
- PRETI, Dino (Org.). O Discurso Oral Culto. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1997.
- PRETI, Dino (Org.). Estudos de Língua Falada.. Variações e confrontos. São Paulo: Humanitas, 1998.
- PRETI, Dino (Org.). Fala e Escrita em Questão. São Paulo: Humanitas, 2000.

SÁ, Maria Piedade Moreira; CUNHA, Dóris de Arruda C. Da; LIMA, Ana Maria e OLIVEIRA JR., Miguel (Orgs.). *A Linguagem Falada Culta na Cidade do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, vol. I: Diálogos entre informante e documentador, 1996.

ZAPPAROLI, Zilda Maria; CAMLONG, André. *Do Léxico ao Discurso pela informática*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2002.

2. Projeto de Gramática do Português Falado no Brasil

2.1. Coleção de ensaios

Vol. I - CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. I, A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1^a. ed., 1990; 2^a. ed., 1991; 3^a. ed., 1997; 4^a. ed., 2003.

Vol. II - ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. II, Níveis de Análise Linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

Vol. III - CASTILHO, A. T. de (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. III, As Abordagens. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1^a. Ed., 1993; 2^a. ed., 2003.

Vol. IV - CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, vol. IV, Estudos Descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1^a. ed. 1996; 2^a. ed., 2003.

Vol. V - KATO, Mary A. (Org.): *Gramática do Português Falado*, vol. V. Campinas: Fapesp/ Editora da Unicamp, 1996.

Vol. VI - KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. VI. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996.

Vol. VII - NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do Português Falado*, vol. VII. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp, 1999.

Vol. VIII – ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Ângela C. S. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*, vol. VII. São Paulo / Campinas: Humanitas / Editora da Unicamp, 2002.

2.2. Coleção da fase de consolidação

Vol. I - JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, vol. I, Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

- Vol. II - ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil, vol. II, Classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008. A segunda edição deste volume constará de três volumes.
- Vol. III - KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton (Orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil, vol. III, Construção da Sentença. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- Vol. IV – ALVES, Ieda Maria; RODRIGUES, Ângela C. S. (Orgs., em preparação). Gramática do português culto falado no Brasil, vol. IV, Construção morfológica da palavra.
- Vol. V – ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org.). Gramática do português culto falado no Brasil, vol. V, Construção fonológica da palavra, 2013.

3. Projeto para a História do Português Brasileiro¹

3.1. Anais dos seminários nacionais

- Vol. I - CASTILHO, Ataliba T. (Org.). Para a História do Português Brasileiro, vol. I, Primeiras Idéias. São Paulo: Humanitas / Fapesp, 1998.
- Vol. II - MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). Para a História do Português Brasileiro, vol. II, Primeiros Estudos, 2 tomos. São Paulo: Humanitas / Fapesp, 2001.
- Vol. III - ALKMIM, Tânia (Org.). Para a História do Português Brasileiro, vol. III, Novos Estudos. São Paulo: Humanitas / Unicamp – USP, 1992.
- Vol. IV - DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah M. Isensee (Orgs.). Para a História do Português Brasileiro, vol. IV, Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: UFRJ – Letras / Faperj, 2002.
- Vol. V - RAMOS, Jânia; ALCKMIN, Mônica A. (Orgs.). Para a História do Português Brasileiro, vol. V: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.
- Vol. VI - LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza Ribeiro; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma (Orgs.). Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, vol. VI, 2 tomos, 2006.
- Vol. VII - AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). Para a História do Português Brasileiro, vol. VII: vozes, veredas, voragens, 2 tomos. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2009.

¹ Para uma bibliografia completa do PHPB, ver A. T. de Castilho (ed.) – Normas para a edição da História do Português Brasileiro, 2013.

Vol. VIII - HORA, Dermeval da; ROSA, Camilo (Orgs.). Para a História do Português Brasileiro, vol. VIII. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2010.

3.2. Corpora

AGUILERA, Vanderci de Andrade; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. Scripturae nas Villas de São Luiz de Goaratuba e Antonina. Manuscritos setecentistas e oitocentistas. Londrina: Universidade Estadual de Londrina / Fundação Araucária, 2007.

ANDRADE, Elias Alves de; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; BARONAS, Roberto Leiser [Orgs.]. Plano de Guerra da Capitania de Mato Grosso. Janeiro de 1800. Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, 2012.

AUTOS DA DEVISSA DA CONSPIRAÇÃO DOS ALFAIATES. Salvador: Arquivo Público do Estado da Bahia, 2 volumes, 1998.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LOPES, Célia (Orgs.). Críticas, Queixumes e Bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores. Rio de Janeiro: Projeto para a História do Português Brasileiro/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, cd-rom, 2002.

BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia; CALLOU, Dinah (Orgs.). Corpora. Cd-rom publicado pelo CNPq/Faperj, 2000.

BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia; CALLOU, Dinah. Organização dos corpora diacrônicos do PHPB-RJ na rede mundial de computadores. Em: M.E.L. Duarte; D. Callou (Orgs.) pp. 29-38, 2002.

BARONAS, Joyce E. de Almeida. Manuscritos do séc. XVIII e produções textuais do séc. XXI: pontos de encontro. *Signum: estudos da linguagem* 13 (2): 131-145, dez. 2010.

CALLOU, Dinah; BARBOSA, Afrânio. (Orgs.). A norma brasileira em construção: Cartas a Rui Barbosa. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. 327 p.

CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para a fixação de normas de transcrição de textos para estudos linguísticos – I. In R. V. Mattos e Silva (Org.), vol. II, tomo 2, pp. 531-534, 2001.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Arquivos públicos municipais do interior da Bahia: fontes para a história do português brasileiro. In R.V. Mattos e Silva (Org.), vol. II, tomo 2, pp. 505-530, 2001.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Informes sobre corpus em fase de conclusão: Cartas de homens “ilustres” do século XIX (PHPB-Bahia). In M.E.L. Duarte; D. Callou (Orgs.), pp. 61-76, 2002.

40 CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). Cartas Brasileiras (1809-2000). Coletânea de

- fontes para o estudo do português. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, vol. I (1809-1904), 2011.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; OLIVEIRA, Mariana Fagundes de; ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de (Orgs.). *Cartas Brasileiras (1809-2000)*. Coletânea de fontes para o estudo do português. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, vol. II (1902-1993), 2011.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; SANTIAGO, Huda da Silva; OLIVEIRA, Klebson (Orgs.). *Cartas Brasileiras (1809-2000)*. Coletânea de fontes para o estudo do português. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, vol. III (1906-2000), 2011.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; OLIVEIRA, Mariana Fagundes de (Orgs.). *Publica-se em Feira de Santana. Das cartas de leitores e redatores e dos anúncios em O Progresso e na Folha do Norte (1901-2006)*. Feira de Santana: Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012.
- CASTILHO, Ataliba T. de, MÓDOLO, Marcelo; SAGATIO, Marcos R.; KEWITZ, Verena; PASSERI, Glauce. *História do Português de São Paulo. Paleografia e agenda. Estudos Linguísticos [Anais do GEL] 27: 190-198, 1998.*
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini; BARRICHELLO, Jerusa; FIGUEIREDO DE PAULA, Flávia. *Formação de um banco de documentos paranaenses: primeiros resultados*. In M.E.L. Duarte; D. Callou (Orgs.), pp. 77-86, 2002.
- GONÇALVES, Uilton dos Santos; FERREIRA, Permínio de Souza. *Aventura no reino das traças: contribuindo para uma história linguística da Bahia*. In R. V. Mattos e Silva (Org.), tomo 2, pp. 483-504, 2001.
- GUEDES, Marymarcia; BERLINCK, Rosane Andrade (Orgs.). *E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Humanitas [Série Diachronica, vol. 2], 2000.
- KEWITZ, Verena; SIMÕES, José da Silva. *Tradições Discursivas e organização de corpora*. In V. Aguilera (Org.) *Para a História do Português Brasileiro. Vol. VII: Vozes, Veredas, Voragens*. Londrina: EDUEL, tomo II, pp. 467-530, 2009 a.
- KEWITZ, Verena; SIMÕES, José da Silva. *Normas linguísticas, história social, contatos linguísticos e tradições discursivas: transformando encruzilhadas em novos caminhos para a constituição de corpora diacrônicos*. Em A.T. Castilho (Org.), pp. 699-720, 2009b.
- KEWITZ, Verena; SIMÕES, José da Silva. *A tensão entre tradição e inovação nos textos: reflexões para a constituição de corpora do Português Brasileiro*. Texto apresentado no Projeto

- 3 - História do português brasileiro – desde a Europa até a América, no XV Congresso Internacional da ALFAL, Montevideu, 2008.
- KEWITZ, Verena. A Paleografia e a História da Língua. Texto apresentado no Seminário "Paleografia: a arte de decifrar". Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2008.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia; VICENTE, Renata Barbosa (Orgs.). A Língua Falada em São Paulo: amostras da variedade culta do séc. XXI. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- LOBO, Tânia C. F. (Org.). Cartas Baianas Setecentistas. Textos sob os cuidados de Permínio Souza Ferreira (coord.), Klebson Oliveira e Oliveira, Uilton Santos Gonçalves. São Paulo: Humanitas [Coleção Diachronica, vol. 3], 2001.
- LOBO, Tânia C. F. Para uma Sociolinguística Histórica do Português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutoramento, 4 vols., 2001.
- LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. 1.ed. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/ FAPERJ, v. 1, 251 p, 2005.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Língua e História: o 2º Marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reflexões e questionamentos para a constituição de corpora para o Projeto "Para a História do Português Brasileiro". Em: M.E.L. Duarte; D. Callou (Orgs.), pp. 17-28, 2002.
- MEGALE, Heitor. A leitura do texto antigo: variação linguística em manuscritos. Estudos Linguísticos XXVIII: 175-205 [Anais do GEL], 1999.
- MEGALE, Heitor. Subsídios para a fixação de normas de transcrição de textos para estudos linguísticos – II. Em: R. V. Mattos e Silva (Org.). Vol. II, tomo 2, pp. 535-538, 2001.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de A. Por minha letra e sinal. Documentos do ouro do século XVII. São Paulo: Ateliê Editorial/ Fapesp, 2006.
- MEGALE, Heitor; TOLEDO NETO, Sílvio de A.; FACHIN, Phablo Roberto M. Caminhando mato dentro. Documentos do ouro do século XVIII. São Paulo: Espaço Editorial/ Fapesp, 2009.
- MÓDOLO, Marcelo. Um Corpus para a diacronia do Português de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1998.
- MOURA, Denilda (Org.). Resquílios de Palmares. O que uma comunidade de quilombola nos diz. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2009.

- OLIVEIRA, Klebson. Textos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX: fontes do nosso latim vulgar? Salvador: Universidade Federal da Bahia, dissertação de Mestrado, 2003.
- OLIVEIRA, Klebson. Negros e escrita no Brasil do séc. XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico. Salvador: Universidade Federal da Bahia, tese de doutoramento, 2006.
- RAMOS, Jânia. Seleção do corpus para o estudo da língua portuguesa na Capitania de Minas Gerais no século XVIII. Em: R. V. Mattos e Silva (Org.), vol. II, tomo 2, pp. 423-434, 2001.
- RIBEIRO, Ilza; REBOUÇAS, Soraia. As cartas da Santa Casa de Misericórdia – 1860 a 1863. Em: M.E.L.Duarte; D. Callou (Orgs.), pp. 49-60, 2002.
- RODRIGUES, Ângela C. de Souza (Org., no prelo). História do Português Paulista. Série Corpus, vol. 1. Campinas: Fapesp / Setor de Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.
- SALLES, Miguel. Arquivos paulistanos de interesse para a história do Português de São Paulo. Em: R.V. Mattos e Silva (Org.) vol. II, tomo 2: 435-442, 2001.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Fontes manuscritas e impressas: reflexos da nossa base cultural e linguística. Em: Marieta Prata de Lima Dias. (Org.). Língua e literatura: discurso pedagógico. 1 ed. São Paulo: Ensino Profissional, v. 1, pp. 131-140, 2007.
- SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena (Orgs.). Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX. Aldeamentos de índios, cartas paulistas da BNRJ, Correspondência passiva de Washington Luiz. São Paulo: Humanitas, cd-rom, 2006a.
- SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena. Traços linguístico-discursivos em corpora do Português Brasileiro. Estudos Linguísticos XXXV [Anais do GEL], 2006b.
- SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena. A constituição de corpora diacrônicos do Português Brasileiro e seus traços linguístico-discursivos. Em: Eberhard Gärtner (Org.). *Brasilianisches Portugiesisch: Geschichte, System und Variation*. Frankfurt: Valentia Verlag, 2009.
- SIMÕES, José da Silva. A importância da história dos gêneros para a constituição de corpora diacrônicos. In Marco Antonio Martins; Maria Alice Tavares. (Orgs.). *História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: Análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mario de Andrade - 1924-1944*. Natal/RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, p. 55-94, 2012.
- SIMÕES, José da Silva. Seleção de gêneros textuais segundo aportes teóricos das tradições discursivas

sivas e da linguística de corpus: critérios para a constituição de corpora históricos do português brasileiro”. Anais do VI SIGET – VI Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais VI International Symposium on Genre Studies. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte Campus Universitário, Lagoa Nova, 2011.

SOARES, Thiago Nunes; GOMES, Valéria Severina. Identidade e memória em manuscritos e impressos pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos. Recife: Ed. dos autores, 2012.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Subsídios para a fixação de normas de transcrição de textos para estudos linguísticos – III. Em: R. V. Mattos e Silva (Org.), vol. II, tomo 2, pp. 539-549, 2001.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Constituição de corpus de documentação dos séculos XVII, XVIII e XIX (PHPB-SP). Em: M.E.L.Duarte; D. Callou (Orgs.), pp. 39-48, 2002.

3.3. Publicações das equipes regionais

CALLOU, D. M. I.; BARBOSA, Afranio G.; Carmo, Laura do (Orgs.). A norma brasileira em construção: Cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, v. 1. 327 p., 2011.

CASTILHO, Ataliba T. de (Org.). História do português paulista. Série Estudos, vol. 1. Campinas: Fapesp / Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2009.

LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). A Norma Brasileira em construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Faperj, 2005.

MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte. Análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924-1944. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

MÓDOLO, Marcelo; RODRIGUES, Ângela (Orgs.). História do Português Paulista. Série Corpus, vol. 1. Campinas: Fapesp/ Setor de Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, no prelo.

MOURA, Denilda (Org.). Resquícios de Palmares. O que uma comunidade quilombola nos diz. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2009.

OLIVEIRA, Marilza de (Org.). Língua Portuguesa em São Paulo: 450 anos. São Paulo: Humanitas, 2006.

- RAMOS, Jânia; COELHO, Sueli Maria (Orgs.). *Português Brasileiro Dialetal. Temas gramaticais*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; LIMA-HERNANDES, Maria Célia (Orgs.). *História do português paulista. Série Estudos, vol. III*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp / Fapesp, 2012.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; COX, Maria Inês P. (Orgs.). *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.
- TORRES MORAIS, Maria Aparecida C.; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O (Orgs.). *História do português paulista. Série estudos, vol. 2*. Campinas: Fapesp / Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2009.

Encerramento

Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

Diretor da FFLCH:

Quero agradecer ao Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, nosso mais jovem Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, pela sua trajetória, pela sua densa reflexão, pelo seu entusiasmo na continuidade dos estudos no campo da Linguística e pela sua perspectiva de futuro. Hoje, na Universidade de São Paulo, estamos procurando retomar uma tradição: a tradição de pensar 50 anos à frente. O que o senhor nos traz aqui nesta solenidade é a possibilidade de realizar esse ideal. Muito obrigado, Professor.

Gostaria também de agradecer as palavras de saudação, tão densas e tão intelectualmente sólidas, proferidas pela Profa. Dra. Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres de Moraes. Essas solenidades são uns daqueles poucos momentos em que se pode de alguma maneira ter clareza da riqueza da reflexão proporcionada por esta Faculdade ao longo de sua história. No ano que vem completaremos 80 anos de existência e tenho certeza que esses 80 anos não foram em vão.

Quero agradecer também a presença da Profa. Dra. Marli Quadros Leite, chefe do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, que também tem desempenhado um papel muito importante na formação dos nossos alunos, dos nossos graduados em vários cursos. E tenho certeza que ela vai imprimir à chefia do departamento o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação com que ela vem realizando suas atividades.

Agradeço também à nossa assistente acadêmica, a Sra. Rosângela Duarte Vicente, que com tanto profissionalismo tem conduzido a preparação dessas sessões, com muita competência e com muito êxito, e também à nossa recém-descoberta mestre de cerimônia Vivian Pâmela Viviane de Castro.

Agradeço, por fim, a presença dos membros da congregação e aos professores, alunos e familiares, por terem compartilhado conosco esse momento, que é um momento de muita alegria. Declaro então encerrada esta sessão e esta homenagem.